



1
RESSURREIÇÃO

Ressurreição! A madrugada flórea!...
O céu brilhando, em mágica oferta...
Estranho à nova luz que se desvenda,
Vejo as telas antigas da memória.

E' minha mãe, contando velha história,
A corrente do rio a fazer renda,
A cana soluçando na moenda
E a pátria serra olhando a altura inglória!...

(*) Depois de fazer o curso primário e os preparatórios em Teresina, transferiu-se Da Costa e Silva para o Recife, onde, somente em 1913, veio a bacharelar-se em Direito. Foi funcionário público do Ministério da Fazenda, ascendendo a altos postos. Durante quase dez anos viveu o poeta em Belo Horizonte, mudando-se, posteriormente, para o Rio, onde desencarnou. «A sua poesia» — escreveu Andrade Muricy — «trazia uma exaltação luminosa, um inebriamento comunicativo. Era alguém

O caminho estrelado principia...
A morte abriu as fontes da alegria,
Na taça da amplidão que se descerra!

Fulge o carro da vida renascente,
Mas volvo à sombra e choro a dor pungente
Da saudade sem fim de minha terra!...

2
REENCARNAÇÃO

De cima a cima, a ideia viva esbarro...
Luzem constelações... O Céu rutila...
Estrelas resplendentes fazem fila,
Multicores vagões do Etéreo Carro.

Mas revejo, enlevado, o sol da vila...
O regaço materno, ansioso, agarro;
Ouço meu pai de crônico pigarro
E a voz do lar por música tranquila.

Fito a mesa singela, o caldo, a broa;
O velho cão rafeiro geme à toa...
25 Ah! Saudades! Sois tudo quanto exerço!...

que cantava, mas com uma virtuosidade harmoniosa e forte, um belo ímpeto arrebatado.» (Amarante, Piauí, 28 ** de Novembro de 1885 — Rio de Janeiro, Gb, 29 de Junho de 1950.)

BIBLIOGRAFIA: Sangue; Zodíaco; Verhaeren; Verônica; etc.

** Andrade Muricy (Pan. Mov. Simb. Bras., III, pág. 27) dá 23 como o dia de nascimento.

25. Note-se a apóstrofe.

Preces a Deus, em lágrimas, transponho...
Aspiro a refazer a vida e o sonho,
28 Quero chorar nos júbilos do berço!...

3

VERSOS A MINHA MÃE

Pássaro preso no recinto escasso
30 Do velho canavial, beirando o rio,
Quis ver o mundo vasto e conheci-o,
Varando, em pleno voo, o azul do espaço...

Lembro-me agora... Enceguecido, abraço
A exaltação, a glória e o poderio...
Mas tudo, minha Mãe, era vazio
Fora do amor que brilha em teu regaço.

Vi mil chagas de dor que a fama incensa
Nos nervos de ouro da cidade imensa,
E prazeres em trágico desmando...

Mas não colo a que, em sonho, me recostas,
Tenho apenas teu vulto de mãos postas,
Que teu filho recorda, soluçando...

28. Falando sobre a poesia de Da Costa e Silva, afirmou Fernando Góes (*Pan.* V, pág. 146): "Foi bem o cantor da saudade, ele confessava ter vindo ao mundo para ter saudade." E como não poderia deixar de ser, o artista de "Saudade" continua sendo o cantor da saudade, ansioso, agora, por ver novamente paisagens terrestres em novo corpo de carne...

30. Leia-se *ca-na-vial*, com sinérese.

3-A
O BERÇO

Em êxtase, contemplo os sóis em bando,
Arcturo, Aldebarã, Sírius, Antares,
E o caminho onde os anjos tutelares
Passam ébrios de júbilo, cantando...

Bebo a vida imortal em que me expando,
Nos perfumes e cores de outros ares.
Surgem novos impérios estelares,
Na glória do Universo, fulgurando!...

Mas ouve, Mãe, em pleno Lar Celeste,
Recordo o berço humilde que me deste,
Ao pranto de alegria em que me inundo...

Muito mais que na luz do imenso Espaço
Pulsa, no imenso amor de teu regaço,
O próprio coração de Deus no mundo...

